



Bechatzar Hatzilim
No pátio dos nobres

Yaacov Steinberg*

A

Dentro da casa dos nobres havia um espaçoso pátio que ocupava as margens do rio. Ele se localizava distante da entrada da cidade e cercava o mercado dos judeus. De lá saía, por vezes, uma única carruagem. Às vezes, no verão, ao anoitecer, os largos portões do pátio se abriam e um trio de cavalos altos e corajosos aparecia puxando uma charrete coberta, cujas paredes, à direita e à esquerda, eram feitas de vidro brilhante, semelhante a um espelho. Os cavalos bloqueavam, momentaneamente, a pista que corria paralela à cerca e, nesse momento, em torno da carruagem, reuniam-se grupos de transeuntes judeus, em sua maioria rapazes e moças, que nos últimos anos tinham tomado aquela longa estrada como lugar de passeio, pois essa estrada era contígua à cerca amarela que rodeava aquela grande propriedade.

Nas noites tranquilas da Ucrânia, os jovens caminhavam por ali, rapidamente, de um lado para o outro pela pista estreita. Às vezes acontecia que um deles, um dos rapazes que carregava um livro na hora do passeio, olhava através das fendas para o outro lado do amplo pátio vazio, em direção ao jardim, coberto por ervas daninhas. E ali dentro, de pé, junto a um barril, havia uma pequena charrete que era usada para transportar água quando não ficava amarrada a uma égua, ou quando estava distante da casa ou da moradia dos criados.

* Yaacov Steinberg, é um dos grandes nomes da literatura hebraica da primeira metade do século XX, nasceu em Bila Tserkva, região central da atual Ucrânia, que na época fazia parte do Império Russo em 1887. Seu pai era açougueiro e ele iniciou seus estudos numa escola rabínica. Em 1901, aos 14 anos, abandonou a cidade natal chegando a Odessa, na época um dos principais centros da intelectualidade judaica. Ali ele conheceu a Haim Nachman Bialik e entrou em contato com a poesia e com a literatura hebraicas. Em 1903, passou de Odessa para Varsóvia onde conheceu o escritor I. L. Peretz. Em Varsóvia, ele começou a participar da imprensa escrevendo tanto em ídiche como em hebraico. Em 1910, mudou-se para a Suíça onde estudou na Universidade de Berna. Retornou a Varsóvia para escrever no jornal ídiche *Der Fraynd*, que foi o primeiro jornal em ídiche a circular diariamente no Império Russo entre 1903 e 1912. Em 1914, Steinberg chegou à Palestina e, desde então, passou a escrever apenas em hebraico. Faleceu na cidade de Tel Aviv em 22 de junho de 1947. Este conto escrito em hebraico encontra-se disponível em: <<https://bybe.benyehuda.org/read/10311>>



O único criado da casa que estava naquela hora no quintal era um ucraniano alto. Sobre seu pescoço liso e rechonchudo pendiam os cabelos cortados de acordo ao estilo polonês. Ele apareceu encostado sobre as fileiras de vasos de flores, carregando e dobrando ternos sobre seus ombros largos, enquanto vestia um curto casaco, que devido a suas múltiplas dobras, sugeria ter pertencido a algum nobre polonês. E além da fileira de vasos de plantas que ali se encontravam durante todo o verão, do outro lado da rua era possível ver dentro daquela propriedade, uma casa de dois andares de tijolos vermelhos, cujas janelas altas e cintilantes revelavam apenas cortinas brancas e pesadas, e cuja porta, feita de madeira talhada sob um umbral de mármore branco, permanecia sempre fechada. A visão do espaçoso pátio e o esplendor da casa isolada, cuja beleza era semelhante à inanimada beleza de um brinquedo, era suficiente para despertar deslumbramento.

Essa visão encheu o coração de um jovem judeu por dias. Enquanto observava atentamente para a casa, ele se lembrou de sua vida quase que miserável e da única roupa de festa que sua família possuía. E, no entanto, raramente um dos rapazes conversava enquanto caminhava junto com sua companheira, que por sua vez, pendurava o cachecol de verão atrás dos seus ombros bonitos, e só então o rapaz aproveitava a ocasião para espiar aquela propriedade através da cerca. No entanto, quando um jovem gentio fazia aos domingos esse mesmo percurso que se estendia por um longo caminho entre a cerca amarela do quintal, por um lado, e a fileira de pequenas tavernas, por outro, ele seguia os jardins que se distinguiam uns dos outros, e cujas cercas de madeira ficavam trêmulas após vinte anos de existência, pois as árvores não cresceram o suficiente como para formar uma decente proteção semelhante aos vastos jardins da Ucrânia, que se estendiam à direita e à esquerda. Quando o jovem gentio passava seguindo amplos e medidos passos entre os grupos de passeantes judeus que se misturavam uns aos outros, ele também olhava pela cerca alta que parecia estranha aos seus olhos e lhe causava espanto.

Às vezes, uma larga e velha carruagem saía pelos portões daquela propriedade que se abriam e bloqueavam o caminho dos passantes que ali se encontravam. Inconscientemente, os olhos de todos se fixavam na carruagem que já ficara amarelada de tanto uso, quando uma velha dama que ali se encontrava tirava a cabeça para olhar em todas as direções. Os jovens a observavam com um ligeiro constrangimento, o que os fazia permanecer silenciosos, pois era difícil para eles se apegarem ao mundo criado pela imaginação dos livros da literatura russa, e ver na sua frente, por outro lado, aquele rosto enrugado com olhos que inspiravam imponência, olhos que os desaprovavam, o que era, de certa maneira, típico de todos os poloneses.

Com intervalos, a velha nobre inclinava a cabeça. Seus olhos pareciam estar ocupados com alguma coisa, como se esperassem que alguém inclinasse a cabeça em



sua direção, ou como se sem saber ao certo, a velha estivesse ansiosa pela aproximação de algum cavaleiro. Mas, normalmente aparecia apenas um judeu, que vindo do mercado marchava no meio da rua vazia, enquanto carregava uma carta que ele pretendia enviar no posto do correio. A aristocrata o observava, enquanto se acomodava na velha carruagem que era puxada lentamente por três cavalos através da estreita ponte de madeira que separava o portão e a rua. Então o velho judeu inclinava o chapéu em sua direção, e quando a velha percebia, se acomodava e permanecia sentada na parte acolchoada da carruagem, quando então os três cavalos, que devido à velhice, se moviam levemente para trás, a transportavam com maior formalidade para o passeio matinal. Lentamente, esse passeio se concretizava. O cocheiro sabia que devia conduzir os cavalos da maneira usual, levando-os primeiro para a igreja polonesa e depois à agência dos correios. E, por quase todo o caminho, aparecia diante da velha aristocrata, uma longa cerca da propriedade contígua, onde seu falecido esposo tinha trabalhado como agente. E ao longo do passeio, depois da carruagem ter percorrido a rua até a o fim, a velha abaixava a cabeça enquanto seus olhos permaneciam semicerrados; era como se ela estivesse no meio de um sonho, ouvindo a agitação vinda da trilha estreita perto do rio.

Às vezes, ela balançava os olhos quando percebia que um grupo de transeuntes estava chegando, porém nenhuma carruagem alta transportando poloneses aparecia, nem sequer um oficial russo à frente de uma charrete conduzida por um par de cavalos formosos, mas apenas um carroceiro judeu levando pessoas para o mercado ao entardecer. E então, a velha novamente ficava em silêncio até ser acordada pelo toque dos sinos da igreja polonesa, quando sua carruagem começava a subir lentamente pela colina que conduzia à costa, de onde era possível avistar a casa de oração com as três torres. Às vezes, nas longas horas que antecediam as noites do verão, quando o cheiro do florescimento invadia o ar e o tempo da oração vespertina demorava a chegar, o aroma das flores a mantinha acordada enquanto viajava, ficando atenta também ao perceber o barulho oriundo de fora provocado pela aproximação de um grupo de pessoas, que percorriam um dos corredores que ficava entre as tavernas, essas tavernas onde quase ninguém queria adentrar ou sentar nos seus bancos já apodrecidos que ficavam a seu lado. Mais fortemente, os finos lábios da velha dama eram então pressionados, quando ela soltava impacientemente o guarda sol, e com a ponta de sua bengala, ela tocava levemente nas costas do cocheiro, que entendia que, como a hora da oração ainda não tinha chegado, a senhora desejava ir ao mercado para passear.

Numa dessas ocasiões, o cocheiro acordou, sacudiu o chicote sobre os cavalos, e estes conduziram a velha carruagem pela estrada de terra até o mercado pavimentado. E foi inevitável que, ao chegar ao lugar, a velha senhora colocasse os olhos nas velhas lojas construídas de pedras que tinham sido erguidas por seu falecido esposo, conforme a vontade do Conde, na forma de paredes apoiadas umas sobre as outras.



Depois disso, ela voltou os olhos para o lado oposto ao mercado. Nessa cidade, onde os judeus tinham fixado residência ao longo de ruas compridas e distantes dos ucranianos, eram numerosos os edifícios que antigamente tinham sido habitados por poloneses, época áurea que ainda reverberava na alma da nobre senhora e na sua memória. Em frente à cadeia de lojas havia uma grande casa murada que fora a primeira residência de tijolos erguida naquela parte da cidade, e que um farmacêutico polonês tinha construído havia muitos anos. No andar superior, os judeus penduraram uma grande placa de uma instituição de empréstimos. No andar de baixo, eles tinham as lojas, algumas das quais, portavam placas com inscrições em polonês. As portas das lojas eram largas e abertas, permitindo que os jovens criados que se encontravam parados a seu lado, segurassem seus chapéus para erguê-los na frente da velha senhora que por ali passava. Apenas uma porta, a da primeira loja do mercado que se encontrava às margens do rio, era estreita e ninguém estava na frente da mesma. Nesse momento, o proprietário da loja apareceu do lado de fora, inclinou-se para a velha senhora com a cabeça alongada e coberta de cabelos já esbranquiçados. O homem dobrou levemente suas pernas retas e os ombros também, conforme os poloneses costumavam fazer na frente de uma distinta senhora.

Essa reverência agradou muito à velha dama. Por um instante seu coração foi tomado por uma agradável sensação. As coisas lhe pareceram semelhantes à época em que os poloneses se estabeleceram naquela cidade, que possuía apenas uma única capela católica. A velha dama antecipou-se para cumprimentar aquele homem, quando de repente, ela desceu da carruagem e entrou na loja estreita, onde brinquedos de criança espalhavam-se pelas paredes, sem se juntar às fileiras onde repousavam as outas mercadorias. E acima, no teto, havia algumas lâmpadas envoltas parcialmente em papel. Naquela hora, nenhum comprador se encontrava na loja e, quando ela se sentou na cadeira que o proprietário limpava previamente para ela com o leque de penas que a velha senhora conhecia havia muito tempo, da época em que ela costumava aparecer com seu esposo, afim de comprar brinquedos para sua filha. E como ela estava acostumada a fazer, começou a rir perguntando educadamente para o velho homem que permanecia inclinado a sua frente, e cuja cabeça tinha esbranquiçado, mas que ainda se mantinha reservado.

"Como está, senhor Berger?"

"Obrigado pela gentileza, senhora Wecslavska. Ainda estou aqui na loja."

"Agora há muitos outros comerciantes a seu lado, senhor Berger."

"É verdade, senhora. Sua carruagem ficará ao lado da loja de Tchernichovsky, senhora Wecslavska."



"Certamente, certamente. Quando recebo um convidado em casa, eu sempre lhe digo: Vá à loja do senhor Berger, aquela em cuja placa não aparece nenhuma palavra em polonês."

"Muita gentileza, senhora Wecslavska. Estou satisfeito com tudo o que eu tenho".

"Quando eu fico sabendo o que meu visitante deseja, eu sempre lhe digo: vá falar com o senhor Berger, ele é um homem sincero. O filho dele será um médico."

"Obrigado, senhora Wecslavska. Meu filho, graças a Deus, não precisa mais de mim."

"O que ele escreve, senhor Berger?"

"Obrigado, senhora Wecslavska, nada demais. E o que lhe escreve a senhorita Jadwiga?".

"Obrigado por perguntar, senhor Berger. Ela às vezes, envia uma carta para sua mãe idosa".

"Uma moça gentil é a senhorita Jadwiga."

"Obrigada, senhor Berger. Você ainda se lembra, senhor Berger, daquela boneca grande? Eu trouxe minha filha para a loja naquele dia. Ela e a boneca tinham o mesmo tamanho naquela ocasião. Venha um dia me visitar. Aquela boneca ainda está comigo em casa, senhor Berger."

"Obrigado, senhora Wecslavska. Aquela boneca eu trouxe de Varsóvia."

"De Varsóvia! A mais linda entre todas as cidades", disse a senhora Wecslavska, pensativa enquanto abaixou os olhos arrastando seu guarda sol no chão. Porém instantes depois, um breve gesto de fúria tomou conta de seu rosto a tal ponto que nem ela própria entendeu a razão, se o fato se deveu a ter escutado o som distante dos sinos da capela polonesa, ou devido ao frescor da noite, que de repente a abalou. Ela se levantou e ficou em silêncio por um instante; olhou para as prateleiras da parede meio vazias. Ela desejava comprar alguma coisa, mas não sabia o que escolher. Então ela envolveu os ombros com seu delicado xale de seda, cujas fitas pretas estavam penduradas para baixo.

"Talvez você tenha um leque para mim, senhor Berger? O calor está tão intenso neste verão", disse a senhora Wecslavska, enquanto seu olhar se deteve involuntariamente no leque de penas que se encontrava sobre a estreita mesa de vendas.



A escada estava encostada na parede, quando a nobre senhora observou alegremente os movimentos leves do senhor Berger subindo para o topo das prateleiras, e tirando de lá algumas caixas de papelão, cobertas de poeira. Inicialmente ele retirou alguns leques coloridos. A senhora Wecslavska reconheceu nos mesmos os lindos ornamentos que eram apreciados antigamente pelas moças do povo de Israel.

"Ainda existem compradores para eles, senhor Berger?"

"Pararam de comprá-los, senhora Wecslavska." Instantes depois, e sobre o dedo indicador do senhor Berger, apareceu pendurada uma caixa estreita e dentro dela, o leque.

"Me acompanhe até a saída, senhor Berger", riu a senhora Wecslavska levemente constrangida depois de ter colocado o dinheiro sobre a borda da mesa. Como é habitual entre as pessoas idosas, ela riu quase sem emitir um som, apenas no seu rosto o sorriso se espalhou sobre uma multidão de rugas trêmulas, que pareciam borrifadas de luz.

E quando se preparava para ir, ela acrescentou:

"Eu não gosto de sair sozinha da loja, senhor Berger."

"Eu a acompanharei com muito prazer, com muito prazer, senhora Wecslavska."

"Adeus, senhor Berger. Você ainda é um homem honrado, senhor Berger."

"Obrigado, senhora Wecslavska."

Mais uma vez, ele se inclinou levemente na frente da nobre senhora. E a velha dama começou a rir enquanto o contemplava pensativa, pois essa reverência era apreciada e atraente entre os poloneses. Rindo levemente, ela entrou na carruagem, apoiando-se sobre o braço do judeu que ainda permanecia a seu lado de pé. Mas, em um momento, a expressão de seu rosto pareceu mudar; quando ao longe, o sino que vinha da igreja polonesa foi ouvido.

B

Acontecia às vezes, que na rua dos comissários passava uma carruagem alta de cor amarela, e sentado ali, se encontrava um nobre polonês. Ao passar frente à grande propriedade, ele se inclinava levemente e olhava para a parede de tijolos vermelhos, cujo andar superior podia ser visto da rua por cima da cerca, e cujos portões permaneciam sempre fechados. Em ocasiões acontecia que alguém aparecia na sacada branca daquela grande propriedade quando um nobre que se encontrava numa carruagem levantava o chapéu em sua direção, dando uma rápida risada como era costume entre os poloneses, uma leve risada elevando o bigode macio. Tempos



antes, antes mesmo da filha da velha dama deixar sua terra natal mudando-se para a Polônia, a jovem costumava abrir a porta de vidro que dava para a sacada, e dos quartos da casa que se encontravam de frente para o rio, a delicada moça deslizava de vez em quando pelo grande salão, cujo piso era feito de ripas de madeira escuras e lisas em direção à sacada. E de pé, ela permanecia no balcão sem se encostar no gradil. Às vezes, nas noites quentes do verão, a jovem ouvia a agitação oriunda da trilha de caminhada. A trilha estreita se encontrava entre a alta cerca da propriedade e as tavernas. A jovem Jadwiga não podia ver aquela trilha estreita, ela apenas observava as cabeças das pessoas que passavam parecendo-lhe como se elas flutuassem diante de seus olhos.

Quando ela prestava atenção às palavras que eram faladas em russo, um sentimento de raiva pressionava seu coração ao ver esses jovens ágeis e desconhecidos, que passavam a sua frente numa agitação sem fim. Esse amontoado de pessoas que ela via apenas sob a forma de cabeças judias ágeis, se assemelhava a seus olhos a algumas estranhas criaturas. E, nesse momento, o estado de espírito da jovem Jadwiga era invadido pelo constrangimento. Às vezes, ela olhava demoradamente para essa imagem, permanecendo em pé na sacada sem se apoiar no gradil. E somente quando a noite chegava sobre a Ucrânia, e uma luz pálida ainda era vista no céu, a jovem Jadwiga entrava silenciosamente na sala, movida por um leve tremor. Assim, toda vez em que ela saía para a sacada que se encontrava atrás da casa em direção ao oeste, seu coração sentia-se aquecido pelo céu noturno. Mas esse sossego se esvaía no momento em que aparecia o movimento dos jovens passeantes a sua frente, e quando a jovem Jadwiga olhava, lhe parecia ver o mercado dos judeus, lugar com o qual estava familiarizada desde a infância, mas que ainda assim, ela podia ficar por muito tempo parada observando o estranho movimento. E então lhe parecia como se ela pudesse compartilhar, de certa forma, daquela agitação de jovens que se entrelaçavam uns nos outros. Era uma grande ocasião quando ela podia ir até a varanda que ficava na segunda casa, próxima ao rio que era profundo e transbordava entre suas margens onde corriam águas escuras. À direita, o rio passava perto de uma vila, cujas casas brancas apareciam entre a escuridão. À esquerda o rio sinuoso seguia uma curva semelhante a um arco, contornando a igreja dos poloneses que era formada por três torres.

Já refeita do constrangimento que tomara conta dela, a jovem Jadwiga observou que de um canto do rio, apareceu repentinamente, uma garotinha camponesa conduzindo um rebanho de patos subindo a encosta junto a um grupo de garotas ucranianas que reunidas ali se preparavam para voltar para casa. Elas estavam prontas para ir, com as cabeças cobertas por lenços coloridos e com os arados de ferro encostados em seus ombros. E antes mesmo de seguir caminho, elas começaram a cantar uma música de coral que glorificava as belas paisagens da Ucrânia, que possuíam um leve toque de nobreza polonesa. E ali, às margens do rio cobertos de



juncos, Jadwiga sentia que aquele era seu mundo, o mundo que ela tinha anelado conhecer desde a infância. Mas a última hesitação se esvaiu em seu coração, quando ela rapidamente abriu os olhos e disse para sua mãe:

"Mãe, muitos rapazes e moças vão e voltam sem cessar diante de nossa casa, e eles são todos judeus."

"Menina", disse a senhora Wecslavska, "esses jovens começaram a vagar por aqui desde o momento em que teu pai construiu aquelas tavernas".

"Mãe", voltou a dizer espantada a jovem, "papai sempre exigiu que o portão permanecesse fechado, e uma vez ao entardecer, ele se levantou e gritou desde a varanda."

"Está certo", respondeu a senhora Wecslavska, depois de refletir por um momento, "mas a verdade, é que esses jovens estão se tornando cada vez mais bonitos".

A jovem Jadwiga olhou lentamente para a água em movimento em frente à massa de pedras que corria atrás da igreja polonesa. Ela já não tinha mais nada a dizer a respeito desse assunto, mas repentinamente a senhora Wecslavska acrescentou após um momento:

"O filho do senhor Berger está estudando, ele se tornará um médico."

"Em lugar de vender brinquedos?", comentou a jovem Jadwiga, sem ter a intenção de perguntar.

"O senhor Berger é um homem gentil", disse a velha senhora.

A filha não respondeu nada, e o toque de gentileza que ela ouviu da mãe juntou-se à tarde suave. Aquela foi uma noite pálida na Ucrânia. A Ucrânia foi abençoada por noites tranquilas, por rios, campos e florestas que misturavam-se numa espécie de prazer agradável, deixando os corações leves, como se uma música leve estivesse vagando constantemente no ar. As noites se sucediam uma atrás da outra, verão após verão, e a senhora Wecslavska estava agora sozinha, com suas mãos que permaneceram delicadas mesmo com o avanço da velhice, e assim ela podia desfrutar da pureza da noite. Por horas ela costumava olhar a paisagem, pousando as mãos sobre a varanda, e esse descanso, característico da vida do povo da Ucrânia, aumentava ainda mais a serenidade da sua tranquilidade na velhice. Somente ao final do verão ocorria às vezes, uma noite ocasional, quando os olhos da senhora Wecslavska se retinham observando os girassóis amarelos que naquele momento cresciam nos campos. Como seu coração estava leve, e suas pequenas mãos permaneciam delicadas como antes, ela se elevava com graça para apoiar a cabeça



em suas mãos, como fazem alguns idosos, dominados por preocupações incertas, e que lentamente erguem ou abaixam os olhos.

Numa ocasião, a senhora Wecslavska se levantou quando desejava entrar na casa, mas seu olhar ainda procurava algo lá fora. Ela estava à procura da essência e da tranquilidade tal como faziam muitos idosos procurando no mundo ao seu redor. Somente quando Frania, a idosa governanta saiu para a varanda procurando pela senhora Wecslavska, a velha dama deu um longo suspiro e disse:

“Mais um pouco, Frania, estou atordoada em meus pensamentos”.

“Sua cabeça pesa por causa de todos esses pensamentos”, disse a velha governanta num grunhido habitual de serviçais que demonstram preocupação com a vida de seus patrões.

“Parece que me esqueci de alguma coisa, Frania. Eu devia ter ido às lojas hoje?”

“A senhora tinha a intenção de comprar uma rede de metal para o pão.”

“Verdade, verdade, Frania. Você acha que isso pode ser adquirido no comércio do senhor Berger?”

“A loja do senhor Berger não tem nada; apenas brinquedos que não funcionam e não servem para mais nada.”

“Ele disse que iria encomendar a rede de metal para mim, Frania”, disse a senhora Wecslavska enquanto caminhava seguindo sua empregada; e à luz da lâmpada que iluminava a sala, ela acrescentou:

“Não diga isso, Frania. Aqui está a boneca que compramos há muito tempo na loja do senhor Berger. Ela era tão grande quanto a menina.”

“Isso aconteceu há muito tempo, senhora. Amanhã irei à grande loja do mercado e perguntarei por lá a respeito da rede de metal.”

“Não é preciso, eu mesma irei amanhã. Você tomará conta da boneca, certo Frania?”

“Ontem mesmo a limpei no quintal. Agora a senhora deseja sentar para comer?”

“Espere um instante, Frania. Você sabe quantos anos tem essa boneca? O senhor Berger a trouxe de Varsóvia, da bela cidade de Varsóvia.”

“É claro, e também está claro que vocês pagaram um ótimo preço por ela.”

“Verdade, é verdade, Frania, esta é uma boneca muito cara. Mas o senhor Berger é um homem gentil, Frania”.



"Mas sua loja está vazia, senhora."

"Sim, é verdade. O senhor Berger é um homem tranquilo. Antes, sua loja era tão aconchegante. Para ingressar na loja, era preciso atravessar uma entrada estreita. À direita e à esquerda ficavam empilhados muitos berços e brinquedos infantis. Pode acreditar na minha palavra, Frania: eu adorava ir lá todos os dias com Jadwiga. O quarto de Jadwiga estava sempre cheio de brinquedos. O senhor Berger encomendava coisas incomuns para a menina. O senhor Berger era tão agradável na época, se assemelhava até a um nobre."

"Amanhã irei a sua loja e perguntarei sobre a rede de metal."

"Não precisa, Frania. Eu mesma irei amanhã ao mercado. A verdade é que eu gosto muito de ir até o comércio do senhor Berger. O senhor Berger inaugurou a loja na época do meu casamento. Às vezes é agradável lembrar desses detalhes".

"Então a senhora irá ao mercado amanhã? – Mas agora poderei lhe servir sua refeição, minha senhora?"

"Pode servir, embora eu não esteja com fome."

"A senhora já está acostumada a ouvir de mim as mesmas palavras: uma pessoa que vive na solidão não pode se deixar abater por uma profunda tristeza e pelas lembranças, se é que a senhora já se deixou abater por elas..."

"Não se preocupe, Frania. A senhora Yuliya chegará no início do inverno, já não falta muito até o dia de sua chegada."

"Será muito bom. Haverá mais alegria em casa, minha senhora."

"É verdade, é verdade, Frania, mas é agradável lembrar às vezes", disse a senhora Wecslavska, parecendo falar para acalmar sua alma. A criada se retirou da sala, e a senhora Wecslavska permaneceu ali olhando para a chama da lâmpada enquanto movia lentamente seus delicados dedos em direção à luz.

C

Com o fim do outono, as carruagens de inverno atravessavam as passagens pelas ruas dos judeus e a rua dos comissários ficou coberta pela neve. Os sulcos abertos permitiam a passagem apenas pelo meio da rua. Esses sulcos eram abertos pelas estreitas carruagens de ferro, dentro das quais, às vezes, viajava algum nobre envolto até as orelhas por um confortável casaco de peles, vestimenta favorita dos poloneses. Na beira da estrada, a neve se estendia com uma pureza preservada, ocupando toda



a paisagem da Ucrânia, onde os campos cobertos podiam ser vistos de qualquer encosta de montanha. As montanhas se estendiam em direção aos rios cobertos de gelo. Sob a cobertura de gelo e neve, os rios pareciam ser mais estreitos, as praias pareciam mais largas sem vida e desertas, brilhando como tiras de neve congeladas, perdidas entre os poços de gelo.

Ao longo da costa, atrás do pátio da casa dos nobres, o rio não corria durante todas aquelas semanas frias, e o servo que trabalhava na casa de tijolos vermelhos, o camponês de cabelos cortados de acordo com o gosto polonês, descia pelo quintal de vez em quando com o balde no ombro. Ele também saía, para retirar o gelo que se acumulava na beira do rio, perto das pedras que se erguiam atrás da igreja polonesa. A pequena charrete carregada com o barril de água, não saía mais pelo quintal. Com o início do inverno, o portão permanecia fechado, e a carroça não atravessava o pátio. Assim, ocasionalmente, o servo ucraniano precisava carregar os baldes com água percorrendo uma longa distância, descendo pelo pátio atrás da casa e andando por um longo tempo na neve empilhada perto da costa, onde ele poderia romper o gelo e recolher água. Numa ocasião, porém, o camponês começou a se afastar, até chegar ao local onde o rio se bifurcava como um arco em torno da igreja, e somente aí o servo se agachou e começou a escavar a fina camada de gelo que cobria o rio. Os baldes não eram tão pesados, e ele esculpiu o gelo com compulsão. Após encher os baldes, ele começou a dar largos passos na neve, mas no caminho de volta, seu coração não estava em paz por causa da velha dama que no último inverno, desde que ficara doente, se mostrava mais rigorosa para com seus criados, ordenando para que lhe trouxessem água da beira do rio que se encontrava perto da igreja polonesa. E quando a governanta Frania, que era muito fiel à religião católica, viu que o servo despejava a água dos baldes dentro do barril, lhe perguntou:

"De onde você trouxe água, Stephan?"

E o servo lhe respondeu:

"É tudo a mesma coisa, todos os rios pertencem a Deus."

E então ele resmungou aborrecido, estendendo sua mão em direção à senhora doente, mas a governanta não acreditou nele. Quando ele voltou a descer ao pátio que estava atrás da casa, cessou todo barulho na casa, e no andar superior, onde a senhora Wecslavska estava deitada doente, voltou a imperar um triste silêncio, enquanto a luz pálida do inverno se infiltrava através das cortinas brancas e pesadas com um brilho leve. A senhora Wecslavska estava deitada e olhava com olhos arregalados enquanto afundava as mãos sob o lençol de lã. Ela estava segurando um maço de cartas antigas, que havia lido um dia antes de forma frenética. Por muitas horas, a velha senhora não se afastou do maço de cartas, e lentamente suas mãos se habituaram ao toque do papel envelhecido, e apenas na ponta dos dedos a senhora



Wenceslaska ainda sentiu uma leve irritação. Por essa razão ela não falou mais nada, e permaneceu deitada absorta em seus pensamentos. O rosto da senhora Wenceslaska estava ainda claro, mas seus lábios adquiriram uma tonalidade castanho escuro, parecendo como se a morte já tivesse colado neles a sua marca. A pele de sua face parecia de longe fresca, apenas as rugas profundas que começavam nas bochechas e desciam até o pescoço, lhe davam uma aparência de estar usando uma máscara, que fora grudada diretamente sobre as rugas profundas. E no entanto, seus olhos ainda brilhavam.

Frانيا, a governanta, permaneceu todos os dias no quarto junto à velha dama, mas de vez em quando ela saía e voltava instantes depois, embora a senhora Yuliya também estivesse no quarto. Numa noite a senhora Wenceslaska começou a dizer algo a Frانيا. A governanta tinha por hábito intercalar sua fala com palavras de pêsames, e com certo sinal de irritação, ela disse:

"Tome seu remédio, senhora!" Mas a senhora Wecslavska não respondeu. Os doentes que se encontram no leito da morte, vão lentamente se desprendendo do fio da vida que seguram em suas mãos, e a senhora Wecslavska deixou transparecer como se tivesse esquecido das coisas mais relevantes de sua vida e, quando ela finalmente disse algo, pareceu como se essa fala não tivesse nada a ver com aquele momento da vida.

"Frانيا, com relação aos caixotes, está tudo bem?"

"Tudo está no seu devido lugar – cuide da sua saúde, senhora! A senhora Yuliya já cuidou dos caixotes."

E depois de uma hora, a velha senhora se lembrou e voltou ao mesmo assunto:

"Você não misturou os papéis que se encontram nas gavetas, certo?"

E desta vez ela impediu que Frانيا saísse do quarto e ainda lhe disse:

"Talvez exista alguma dívida que precise ser paga?"

Frانيا não entendeu e disse com espanto:

"Pela saúde da senhora! A quem devemos nós dinheiro?"

"É verdade", disse a senhora Wecslavska, e depois de um instante ela acrescentou:

"Nas lojas. Será que não há nenhuma dívida antiga a ser paga?"

E quando a governanta deixou o lugar, a velha dama se dirigiu à senhora Yuliya e disse sorrindo:



"Na loja do senhor Berger, ele é um homem gentil. É possível que exista com ele alguma conta que precise ser saldada."

E depois de alguns instantes, ela voltou a se dirigir a Frania e lhe disse:

"Vá amanhã até à loja do senhor Berger e pergunte se ele tem alguma conta antiga a ser paga."

E enquanto o dia de inverno estava acabando e pelas janelas já se via um pálido anoitecer, a serenidade pareceu se esvaír do rosto da senhora Wecslavska, e ela começou a mover os olhos com angústia sob essa luz fugaz, parecendo um sacrifício prestes a ser consumido pelo fogo. A senhora Yuliya segurou as mãos da velha dama, confortando-a com sua delicada alma polonesa, e nesse momento extraordinário, deixou transparecer um ar misericordioso sem paralelo e acrescentou:

"Deus que está no céu é bom com todos, senhora Wecslavska. O ser humano é bom aos olhos de Deus quando suporta em silêncio qualquer angústia".

"É verdade, é verdade, senhora Yuliya", disse a velha senhora dirigindo seu olhar para a governanta, que nesse momento estava entrando no quarto segurando uma lâmpada. "Frانيا, minha querida, por favor, não se esqueça."

"Pela saúde da senhora! O que é necessário fazer?"

A velha tirou uma das mãos que era segurada pela senhora Yuliya, e virando o rosto para a parede, ela falou sem mexer os olhos.

"Por favor, que o senhor Berger venha hoje à noite, eu tenho uma conta com ele que precisa ser paga. O senhor Berger é um homem gentil, você pedirá no meu nome para que ele venha até aqui."

"Pela saúde da senhora! Eu devo ir agora?"

E dirigindo-se à senhora Yuliya, a velha dama disse: "É isso mesmo, senhora Yuliya, ela deverá ir agora mesmo", disse mais tranquila, enquanto seu rosto permanecia voltado para a parede. A senhora Yuliya apontou para a governanta e logo ficou sozinha com a velha, que permaneceu imóvel e com os olhos fechados, parecendo muito serena. E só depois de um tempo, quando se ouviu o barulho de passos vindos da escada, a senhora Wecslavska começou a balançar a cabeça e, ao sentar na cama, ela começou a falar em voz baixa e disse:

"Peço que você vá embora, senhora Yuliya. O senhor Berger é um homem gentil, ele não se ressentirá."



Instantes depois, quando a senhora Yuliya saiu do quarto, a velha começou a chamá-la enquanto lutava para dominar sua voz:

“Senhora Yuliya! senhora Yuliya”!

Tradução: Gabriel Steinberg**

Recebido em: 13/09/2019.

Aprovado em: 23/09/2019.

** Professor no Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.